



## OS BENZEDORES DE SÃO MIGUEL DAS MISSÕES(RS): CONFLITOS E NEGOCIAÇÕES

Juliani Borchardt da Silva \*

### RESUMO

O ofício de benzer, prática e sabedoria popular transmitida entre gerações, cultura viva representada e manifestada no cotidiano de pessoas que se colocam à disposição de uma comunidade a fim de suprir seus problemas de saúde ou simplesmente para ouvir histórias, dar atenção e conselhos àqueles que lhes procuram em suas residências, transformadas em pequenos santuários onde símbolos, imagens e códigos misturados ganham sentido e consolidam as percepções que estes possuem do mundo. Objetos, orações, palavras e noções de cura ganham sentido durante o benzimento, constituindo memórias e identidades de pessoas que compartilham desta prática no seu cotidiano. Aspectos relacionados aos seus conflitos e relacionamentos com instituições religiosas e médicas da cidade de São Miguel das Missões (RS) são elementos importantes analisados no decorrer da pesquisa. As narrativas produzidas por estes agentes foram essenciais no estudo e entendimento desta prática, sendo o único subsídio para sua análise e compreensão nos dias atuais.

**Palavras-chave:** Benzimentos. Conflitos. São Miguel das Missões-RS.

A prática dos benzimentos reflete vários aspectos de uma sociedade, em especial daquelas pessoas que a detém simbolicamente, perpassando pela necessidade de cura física, espiritual ou simplesmente proteção e benção, demonstrando características da cultura, religiosidade, saberes e imaginário daqueles que benzem e também das pessoas que os procuram. Seu objetivo fundamental está na obtenção de cura, porém em na história, o diálogo entre práticas não científicas de medicina e profissionais formados na área sempre causou embates e conflitos, exaltando as diferenças, forças e potencialidades de cada agente. Para Boltanski a primeira diferença que separa a medicina das classes populares é o vocabulário

É em primeiro lugar uma barreira linguística que separa o médico do doente das classes populares, pois a utilização pelo médico de um vocabulário especializado redobra a distância linguística, devido ao mesmo tempo a diferenças lexicológicas e sintáticas, que separam a língua das classes cultas das classes populares. (1989, p. 44)

\* Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPEL)- juossette@hotmail.com

Dessa forma, o benzedor utilizaria uma forma mais fácil e compreensível para explicar e justificar as doenças àqueles que o procuram, explicando inclusive através de suas representações a solução para tais problemas, havendo assim uma proximidade muito maior das classes populares com este tipo de prática, a qual se assemelha a seu público, diferentemente do médico que possui um perfil (e vocabulário) distinto dos seus pacientes.

Valorizada e respeitada por muitos, desconsiderada e desqualificada por outros, a história mostra que os conflitos nesse campo sempre foram intensos. Medicina 'oficial', caracterizada pelos profissionais que possuíam diploma superior na área passou a competir espaço com pessoas que, até então, eram as únicas responsáveis pela cura da população: barbeiros, sangradores, curandores, parteiras, benzedores, mateiros, etc. – figuras importantes e representativas em uma sociedade carente de estrutura médica e de pessoas qualificadas para o tratamento de doenças complexas. Weber lembra que

Nos vestígios que chegaram até nós, percebemos que os envolvidos nessas práticas não estavam apenas reagindo aos procedimentos impostos pela Medicina científica. Muitas delas eram construções dos grupos sociais com os elementos aos quais tinham acesso, segundo as crenças e rituais tradicionalmente conhecidos por eles. (1999, p. 179)

Para o autor, estas práticas de cura seriam resultado de construções e negociações culturais e simbólicas destes grupos, refletindo o meio onde viviam, os materiais dos quais tinham acesso e a religião (ou expressões religiosas) por eles praticada. Todos esses itens seriam determinantes para justificar e entender estas formas de cura e a resistência por um método de tratamento 'oficial' – o qual teve início no Brasil nos últimos dois séculos com a introdução dos primeiros cursos de medicina. Alves reforça e complementa esta ideia afirmando que

É explicável a indignação frente a esta “exploração da credulidade popular”. Fenômenos culturais, entretanto, não crescem no vazio. Eles são tentativas de interpretar e resolver problemas concretamente vividos. Por detrás da opção popular pela “cura divina” se encontra o desespero quanto à cura humana: a inacessibilidade dos agentes de saúde, o alto custo dos serviços médicos e dos medicamentos, as barreiras burocráticas que se interpõem entre o doente e a cura. (ALVES *apud* VALLE; QUEIRÓZ, 1984 p.116)

Na carência e inacessibilidade de recursos na área da saúde, resta às comunidades carentes e sem condições de bancar esses serviços apelar e utilizar os elementos mais disponíveis em seu cotidiano. Misturam-se assim aspectos reais

e religiosos na tentativa de compreender e solucionar os problemas que se apresentavam perante estes grupos. Sendo os benzimentos uma manifestação explicitada no município de São Miguel das Missões, surge a necessidade de uma análise e reflexão sobre os possíveis conflitos junto aos profissionais da medicina oficial na atualidade. Para isso, utilizaram-se relatos orais coletados através de entrevistas realizadas com ambas as partes, o que proporcionou um panorama mais qualificado sobre os aspectos que limitam e aproximam esses atores sociais, suas fronteiras de negociação e resistências.

No Brasil, o desenvolvimento da medicina foi gradual ao longo de sua história, sendo escassos os que possuíam cursos superiores na área, o que abria possibilidades de surgimento de várias profissões alternativas que tinham como objetivo suprir esta demanda – em especial para as classes populares e menos favorecidas economicamente. A coroa portuguesa barrou ao máximo a constituição de universidades em suas colônias justamente para manter uma dependência tecnológica com a sede, atrasando o desenvolvimento destes cursos e a formação de profissionais da área médica em território brasileiro. Para Weber

Nesse período, 1806, havia apenas 16 médicos e cirurgiões inscritos em toda a região da província (*Rio Grande do Sul*). O atendimento, em caso de doença, era realizado por esses poucos médicos nas residências dos pacientes. A maior parte da população não tinha nenhum local ou forma de assistência terapêutica oficializada. Assim, a legislação estabelecia que eram “permitidos curandeiros” nos lugares que não dispusessem de outros “cultores da arte de curar”, cuja presença era vista como uma espécie de complemento ou alternativa à presença dos clínicos diplomados. (1999, p. 182)

Por haverem poucos médicos, nem toda população tinha acesso a estes por questões financeiras, se tornando um serviço elitizado. Para suprir a demanda da falta de profissionais emergem os mais diversos tipos de profissões e sujeitos que se colocavam à serviço da comunidade para sanar seus problemas de saúde. Neste sentido, Pimenta afirma que:

Assim, os curandeiros continuavam a ser considerados o recurso de que dispunham os pobres. Eram pessoas de camadas subalternas que tratavam de miseráveis, os quais não teriam mesmo condições de pagar a visita de médicos diplomados. (PIMENTA *apud* CHALHOUB, p. 321, 2003)

O serviço prestado por essas pessoas servia de alento e conforto para as classes economicamente menos favorecidas, sendo muitas vezes o único recurso disponível para tentarem solucionar seus males de saúde. Com a vinda da família

real portuguesa ao Brasil no ano de 1808, foi necessário modernizar e estruturar minimamente a colônia – que passaria a ser sede do governo e da coroa – surgindo aos poucos os primeiros cursos superiores de medicina no território brasileiro. Entretanto, a escolha de atuação desses profissionais era nas capitais e grandes centros – o que deixava o interior e as pequenas cidades desassistidas. Leite lembra ainda que

(...) com a criação da Faculdade de Medicina do Rio e a de Salvador em 1832 e a imigração de doutores estrangeiros para o Brasil, desencadeou-se nas suas grandes cidades um processo de expansão da oferta de médicos. Esses, de um modo geral, foram se comportando cada vez mais com intolerância em relação à prestação de serviços terapêuticos por leigos, à medida que o seu campo de conhecimento foi se institucionalizando. (LEITE *apud* EUGÊNIO, 2012, p. 202)

Com o desenvolvimento de universidades (e seus respectivos cursos na área médica) a reação contra os curandeiros foi imediata, motivada pelo anseio dos médicos graduados em criar um monopólio da medicina, gerando estratégias de retaliação, banimento e desqualificação de qualquer prática diferente daquela difundida pela academia como correto e científico. Passaram a cobrar dos órgãos públicos uma legislação que fiscalizasse e coibisse os ‘charlatães’ através de uma junta específica para este fim, conforme conta Leite

Essa solicitação foi mais uma das que estavam sendo feitas como forma de cobrar do Estado um órgão fiscalizador do exercício da medicina, o qual as atendeu criando em 1850, a Junta de Higiene Pública (posteriormente, em 1851, rebatizada e regulamentada como Junta Central de Higiene Pública) para cumprir essa e outras funções. Não obstante, até a adoção de leis no final do século 19 que tornaram crime tal exercício sem a devida habilitação, muitas pessoas sem formação acadêmica continuaram prestando serviços relacionados a esse campo de conhecimento, sobretudo no vasto interior do país onde a fiscalização dificilmente conseguia chegar. (LEITE *apud* EUGÊNIO, 2012, p. 204)

As práticas de cura que não fossem realizadas por profissionais graduados eram consideradas crimes, o que resultou na clandestinidade das pessoas que as utilizavam tradicionalmente, tendo em vista que a grande maioria não as abandonaria facilmente – pois já faziam parte de seu cotidiano e de sua cultura. Holzer critica as mudanças e a desvalorização dos saberes populares no que tange a busca pela cura, dizendo que:

A abordagem do curador parece um pouco estranha ao homem ocidental, que sofreu uma lavagem cerebral com a abordagem tecnológica da cura e a

aceitação muito limitada por parte da medicina ortodoxa de tudo que não pode ser produzido, dissecado, ou reconstruído em experiências de laboratório. (1987, p. 17)

Para o autor, as formas alternativas de cura dariam às pessoas um cuidado e atenção além do físico, onde o ser humano é compreendido em sua totalidade corpo-alma, esquecidas e não consideradas em sua amplitude na medicina oficial. Para estes profissionais, o que não pudesse ser justificado, compreendido, dissecado e produzido em laboratório não representaria a ciência e sua verdade. Provavelmente pelo fato destas formas alternativas espirituais não poderem ser explicadas e compreendidas, o caminho mais fácil era desqualificá-las e colocá-las num status e condição de marginalidade e clandestinidade. Tais práticas valorizam as relações e os saberes tradicionais milenares, repassados e reproduzidos ao longo das gerações, que apesar de todo o combate contra, jamais deixou de existir nas mais diversas localidades.

Cabe ressaltar também, que a pressão desenvolvida pela mídia (especialmente por jornais) foi fundamental no processo de repressão aos curandores, conforme relata Weber

(...) O jornal *A Noite* empreendia uma verdadeira campanha contra eles, havendo caso de pelo menos um processo aberto devido a denúncia do jornal. A *Gazeta do Comercio* fazia, sistematicamente, campanha contra a “imperícia” desses profissionais, denunciando parteiras, cartomantes, benzedores, curandeiros, etc. Porém, os jornais não expressavam, necessariamente, as preocupações da população, que, afinal, procurava essas práticas – caso contrário, as denúncias não seriam tão frequentes. É importante que interpretemos essas denúncias e críticas como a opinião de intelectuais ou de setores ligados aos próprios médicos formados. Expressavam um grupo social que tinha maiores possibilidades de acesso ao saber formal e tinham uma visão sobre a “civilização”, estado ideal que devia ser atingido e do qual curandeiros não faziam parte. Aliás, consideravam que a população que se utilizava dos seus serviços devia ser educada e regenerada por intermédio da denúncia para evitar que outros seguissem o mesmo caminho. (1999, p. 194)

Weber alerta para o objetivo destas perseguições pela imprensa, que representavam as elites e seu discurso carregado de interesses sociais e econômicos, não considerando os motivos pelos quais as pessoas buscavam estes profissionais - os quais eram mais acessíveis que os médicos – e que na realidade, não os deixariam de procurar, apesar de todas as campanhas contra realizadas, pois já faziam parte da vida e cotidiano das camadas sociais menos favorecidas.

Ambas não poderiam coexistir, havendo espaço apenas para uma ser a correta, digna e eficaz. Ainda neste sentido Sampaio afirma que

(...) Em oposição a esta figura hostil, ia sendo construída a identidade do médico, portador da ciência. Assim, os médicos usavam o título de charlatão para assinalar em todos os seus 'outros' uma mesma visão negativa. (...) Para caracterizar o charlatão, um recurso era bastante utilizado: narravam-se casos de erro (...). Assim, curandeiros, espíritas, sangradores, parteiras, ervateiros, farmacêuticos que produziam remédios e não revelavam suas fórmulas, enfim, qualquer diferente era igualmente um perverso charlatão, que agia sempre de má fé, enganando as pessoas para enriquecer. (2001, p. 53)

O discurso introduzido e reproduzido pelos médicos, focando aspectos negativos e desqualificados referentes aos curandores, tinha como objetivo amedrontar a população para possíveis erros cometidos por estes, na busca pela autonomia e monopólio da cura, constituindo assim a identidade da classe médica no Brasil. Obviamente que erros eram cometidos tanto por curandores quanto por médicos graduados, porém, sem a ampla divulgação e perseguição dos meios de comunicação.

Em entrevista junto aos benzedores de São Miguel das Missões, surgem algumas narrativas interessantes, que de forma subliminar e indireta dão referências de como se dá a relação entre benzedor e médico. Alzira de Oliveira Leite quando questionada sobre curas em seus atendimentos conta que

(...) Tem um senhor, o nome dele é Valdomiro, lá da Colônia Vitória, estava no hospital acamado e o doutor apartou ele dizendo que estava com meningite e tinha uma vala na cabeça dele. A esposa dele veio aqui e eu curei ele em 2 dias. Meningite não é qualquer um que cura, só benzedor mesmo, doutor não cura. (2013)

A entrevistada, em uma narrativa que busca legitimação e aceitação social, conta que há doenças que cabe apenas aos benzedores curarem. Assim como os médicos buscam de narrativas compartilhadas para se legitimarem (ou desqualificarem o outro), a prática dos benzimentos necessita desses casos de cura contados e recontados, transmitidos socialmente para serem aceitos e até mesmo procurados pela comunidade em momentos de precisão. Alzira narra ainda que

As ervas plantadas desde a origem do mundo são remédio. Não existe uma árvore que não seja remédio pra uma coisa ou outra. Todas as árvores que dão fruto são remédio. Eu indico e ensino, tenho muitas aqui na horta e quando pedem eu dou. Pode ser pra dor, pra massagem. (2013)

O uso de plantas e ervas medicinais é comum entre os benzedores, que além de benzerem, indicam e até mesmo fornecem as plantas e ervas para a comunidade, que as utiliza – o que pode contrariar interesses de farmácias e laboratórios farmacêuticos, os quais mantêm o monopólio desta área. Compartilham também mudas destas plantas, que serão cultivadas e utilizadas quando preciso, mantendo vivo assim este hábito na comunidade. Em entrevista, a benzedora Laídes Dutra diz que

Esses dias eu não andava comendo e minha cunhada disse pra ir no médico fazer uns exames de sangue e não sei mais lá o que, porque podia ser tireóide e tal. Vocês acham que eu tenho medo de tirar sangue? Não tenho. Há dezoito anos eu fiz os mesmos exames de hoje e não tinha nada, nem tireóide, colesterol, glicose e essas coisas. Não gosto nem de falar em médico porque até me ataco dos nervo quando vejo um médico. (2013)

Obviamente a entrevistada, por ser benzedora, busca solucionar seus problemas de saúde através de formas alternativas, deixando o recurso médico em última opção. Faz questão de exaltar que possui uma ótima saúde – justificando isso em sua narrativa pelo fato de ter feito os mesmos exames há 18 anos e não ter problemas com sua saúde. Por não ser habituada a ir ao médico, sente medo e repulsa, como se este representasse uma situação ruim. Isso se deve, provavelmente, pelo fato de tradicionalmente estas pessoas procurarem um serviço médico especializado apenas em momentos graves, cabendo aos pequenos problemas métodos simples e alternativos como ervas, chás e benzimentos. Narra ainda, um episódio de uma mulher que a procura

Ontem mesmo teve uma mulher aqui dona de loja e me disse “ah guria eu não aguento mais, mandei arrumar um dente e me dói” e eu disse “a tua fé que tá pouca, eu vou te benzer e tu vai sair daqui boa” e eu benzi a mulher e ela já saiu boa, e tinha ainda que viajar pro Paraguai hoje e saiu na porta dizendo que estava boa do dente. E meta antibiótico só pra estragar o sangue, coitada, só faltava Jesus no costado dela. Eu benzi em nome de Jesus, tudo o que eu faço é em nome dele. (2013)

Laídes fala em nome da mulher que a procura para curar uma dor de dente, que segundo ela é motivada pela falta de fé em Jesus. O benzimento seria a solução: e assim acontece (segundo ela), após o benzimento ela já não sente mais dores, estando assim com seu problema resolvido. Alzira representaria um canal de fé junto a Jesus, colocando-o na vida das pessoas. Para a entrevistada, o uso de antibióticos serve apenas para ‘estragar o sangue’ onde a fé é capaz de salvar e

curar tudo. Deixa claro a sua intransigência aos remédios industrializados. Conta também que:

(...) Agora que eu fiz meus exames o doutor se apavorou como é que eu tinha um sangue bem forte e me perguntou o que eu comia, eu disse “doutor, a minha comida é leite, feijão, arroz, ovo, salada eu como muito pouco, fruta, sardinha e pão”. Eu não gosto muito de carne, se eu faço um carreteiro eu engulo o arroz e deixo a carne, hoje eu fiz carne de galinha e não comi. Não sou carnífera, eu gosto de comer feijão, arroz, mandioca, ovo, leite, essas são minhas comidas preferidas. Prova é que meu sangue estava limpinho. Eu disse pro doutor “que quero saber que sangue eu tenho”, ele disse “mas com um sangue forte desse não precisa nem ficar sabendo que sangue é, eu nunca vi sangue igual a esse teu, se metade do povo de São Miguel tivesse esse teu sangue aí eu desistia de ser doutor”. (2013)

Mesmo a entrevistada demonstrando certo medo e resistência em ir a um médico, em sua narrativa cita uma consulta realizada bem como bateria de exames feitos, o que demonstra uma espécie de negociação entre saber popular e medicina oficial. O mesmo deve ocorrer com a população em geral (ou parte dela), que mesmo procurando um médico não deixa de ir a um benzedor (e vice-versa) ou tomar um chá de ervas por eles receitado, a fim de ‘garantir’ a cura.

O médico entrevistado, Evandro Varaschini Dalla Roza<sup>1</sup>, quando questionado sobre se já havia tido contato com os benzedores, narra que

São meus pacientes, consultam comigo como qualquer outro paciente, mantenho bom relacionamento, não tenho nenhum tipo de preconceito com eles e eles comigo, São geralmente idosos com patologias de base como hipertensão e alguma outra doença cardiovascular e usam medicamentos como qualquer outro paciente e também fazem exames quando solicitado. São pessoas que agem com muito respeito com o médico, que valorizam o trabalho do médico. (2013)

Sua resposta vem ao encontro do exposto anteriormente e, segundo ele, os benzedores o procuram como qualquer outro paciente, necessitando igualmente de seus cuidados médicos, bem como no uso de medicamentos. O entrevistado exalta o respeito que os benzedores teriam com ele e sua profissão, em uma tentativa de apaziguar e exaltar essa relação. Perguntado sobre como a medicina visualiza a prática de cura realizada por estas pessoas, o entrevistado diz que

Com descrédito, quem conhece a ciência, a fisiologia e a fisiopatologia do corpo humano tem dificuldades em acreditar em coisas empíricas. (...) Aqui os benzedores respeitam muito a conduta medica, e não há conflitos. (...)

<sup>1</sup> 43 anos de idade. Médico formado desde 1995 pela Universidade Católica de Pelotas (Pelotas-RS). Reside em São Miguel das Missões desde 1997.

São Miguel ficou com a fama por causa do encontro dos benzedores, mas é pouco acreditada por aqui. Nos dias de hoje não se houve falar que alguém veio de outro município para se benzer. No passado acredito ter sido mais acreditada. Percebo que as pessoas que benzem tem poucos pacientes nem todos os dias. Soube de uma paciente recente que tem câncer de mama avançado que se benzeu esta semana, mas veio consultar dizendo que não adiantou nada. (2013)

Já neste ponto, o entrevistado se mostra enfático ao desacreditar os resultados da prática do benzimento como uma forma de cura efetiva. Em sua opinião, todas as atenções dadas aos seus praticantes decorre da fama adquirida ao longo do tempo, porém hoje estaria desacreditada. Relata também, o caso de uma paciente que disse ter se benzido e de nada adiantou em sua cura contra o câncer. Esse caso contado (igualmente aos benzedores) serve de estratégia para reforçar uma ideia na tentativa de criar um status ou opinião sobre determinado assunto – sendo de extrema importância em cada um dos entrevistados para legitimar cada um o seu ponto de vista. O benzedor utiliza de casos e histórias de cura para se afirmar e legitimar como tal, ao contrário do médico que também as utiliza para afirmar que as mesmas não funcionam, desacreditando-as. Ao mesmo tempo em que o médico ameniza as relações com os benzedores, desqualifica-os enquanto seres dotados de um dom (ou conhecimentos) para a cura – provavelmente por serem de áreas e visões de mundo completamente diferentes (cultura popular x medicina-ciência). As realidades culturais destes entrevistados são muito distintas, não havendo, provavelmente, um contato assíduo entre as partes, sendo que a opinião dada por cada um é relativa às visões e estereótipos construídos de um para o outro, e devem ser compreendidas como elementos fundamentais nas percepções narradas por eles.

De forma subliminar, há um conflito entre medicina e benzedores, onde se disputam noções em áreas distintas, cultura e ciência, onde conforme interesses de legitimação há negociações entre as partes, que através de suas narrativas buscam seu espaço e sua verdade perante o grupo que pertencem. No meio disso tudo fica a população, que conforme seus objetivos, crenças e necessidade escolhe o que lhe convém no momento. Esse conflito não se dá por dinheiro, mas sim por status e referência, sendo impossível que ambos se entendam completamente por se tratar de linguagens e percepções distintas de cura.

Um mesmo território, duas práticas de cura distintas coexistindo simultaneamente. Em tempos de globalização, onde tudo se pasteuriza e padroniza,

a existência da diversidade apenas enriquece as relações sociais. O conflito existente e as disputas por legitimação fará com que os benzedores continuem (assim como fazem desde sempre) se reinventando e adaptando aos desafios, a fim de continuarem existindo e levando seu ofício aos que acreditam.

### **Relação Benzedores, Igreja Católica e Evangélica**

O campo de conflitos que permeia o cotidiano dos benzedores é amplo e pode ser analisado sob vários aspectos que envolvem diversos agentes, como a igreja católica e as igrejas evangélicas que atuam na cidade. Torna-se instigante a análise destas relações a fim de entender de que forma seus praticantes se relacionam com essas instituições religiosas formalizadas em São Miguel das Missões e suas estratégias de resistência para manutenção e expansão da prática de benzer. Igualmente à medicina, há uma relação (mais forte e acentuada) de competição e de interesses entre benzedores, padre e pastores – provavelmente pelos benzimentos estarem mais ligados à fé do que a cura propriamente dita - os quais buscam legitimar, manter e expandir suas atuações neste território. Enquanto na área médica a disputa se refere à cura propriamente dita, no campo religioso a competição se dá pela espiritualidade e subjetividade onde cada um pretende se tornar o único representante responsável pelas graças de Deus alcançadas pelos homens e mulheres que nele acreditam, seguem e praticam.

Quando perguntados sobre seu relacionamento com a igreja católica, os benzedores expuseram detalhes desta relação, como nos conta Alzira de Oliveira Leite em um dos trechos de sua entrevista

A igreja católica só que ajuda nós, os outros não gostam de santos, não gosta que se benzam. Veio mais igrejas, de outros tipos e uns que acreditam mais nela deixaram e abandonaram o benzimento. Deixaram de ser benzedor para irem pra igreja evangélica. Eu acho que cada qual é cada qual, se eles acham melhor ir pra outra igreja e deixar de ajudar as pessoas e ir pra uma igreja que não ajuda ai eles que sabem, se estão decididos tem que ir. (...) Eu não desfaço a religião deles, são meus colegas, só que não são mais benzedores. Mas o colega fiel mesmo que eu tenho aqui em São Miguel é o compadre Aureliano e a Laidinha. As igrejas tem preconceito porque elas acham que nós não podia ter essa fé que nós temos. Eles não acreditam em santos e nós acreditamos. Eles dizem que aquelas que tem lá nas ruínas são restos de madeira, que não falam, que madeira é morta e não faz milagre. Mas Deus deixou, foi Deus que nos deu e temos que seguir nosso lado e nosso caminho. Eu nunca vou deixar de ser católica. (2013)

Para a entrevistada, a única igreja que os ajudam é a católica, demonstrando preocupação com a conversão de muitos benzedores para a igreja evangélica<sup>2</sup>. Para ela, essas pessoas que abandonaram a prática de benzer escolheram por não mais ajudar as pessoas que precisam, pois a igreja dos evangélicos não proporcionaria a ajuda que eles (benzedores) fornecem àqueles que necessitam – numa clara expressão de legitimação de sua prática em detrimento de outra, mesmo afirmando que não ‘desfaz’ da religião dos outros. Afirma que esses ‘outros’ possuem preconceito, pois acham que os benzedores não poderiam ter a fé que possuem, indicando que teriam mais poder do que eles (o que acarretaria certa inveja). Chama atenção que, para a entrevistada, os evangélicos não acreditam em santos, que seriam apenas madeira morta sem força ou poder algum, remetendo ao acervo existente no Museu das Missões<sup>3</sup>, que é composto pela estatuária desenvolvida pelos padres jesuítas e índios guarani no período das reduções, expostas hoje pelo museu, servindo de elementos constituintes da memória e história da religiosidade local. Alzira justifica tudo isso afirmando que

O padre ajuda nós. Ele batiza os santinhos que nós temos. Meu santuário é batizado e seguida ele vem visitar nós, nós vamos na igreja, ele reza por nós, os benzedores. As outras igrejas não aceitam porque nós temos santos e eles dizem que isso não é coisa de Deus, que Deus não deixou, que não tem valor. Só que Deus deixou do princípio do mundo, aqueles que estão lá nas ruínas, se terminando, foi Deus quem deixou, foi do princípio do mundo. É só por causa disso que eles deixaram de ser benzedor, porque não acreditam mais, e nós não podemos desfazer deles porque cada um segue seu caminho, eu não sou contra eles por causa disso, só que os evangélicos não acreditam em nós, nem gostam de vir na casa da gente porque tem os santos. Aqui em São Miguel tem 2 igrejas católicas só, a daqui do bairro e a matriz e as evangélicas deve ter umas 10 ou 12 e eles acreditam muito na igreja deles. Eu não digo que é ruim porque senão eu vou ser contra, eu não sou contra igreja, eles é que são contra nós. Com nós eles não tem fé. Cada um vive sua parte. Só que se benzer e remédio de ervas eles não tem, só fazem oração. Eles desfazem muito de nós, os pastores e a igreja dos outros lados que são, porque aqui tem bastante igreja do outro lado e que não acreditam em nós. Mas aqui na nossa cidade temos muita gente, a maioria, que acredita em nós. (2013)

Alzira frequenta a igreja católica, assim como outros benzedores, o que representa uma ambiguidade de sua prática religiosa, pois ao mesmo tempo em que

<sup>2</sup> Segundo a Prefeitura de São Miguel das Missões, existem nesta cidade as seguintes igrejas evangélicas: Igreja Crista Apostólica o Resgatador, Igreja Evangélica Quadrangular, Igreja, Evangélica Assembleia de Deus, Igreja Evangélica de Confissão Luterana, Igreja Evangélica Pentecostal Visão de Deus, Igreja Evangélica Pentecostal, Igreja Luterana, Igreja Pentecostal Deus e Amor.

<sup>3</sup> Localizado dentro do Sítio Arqueológico da Redução de São Miguel Arcanjo. Administrado Governo Federal através do IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus.

segue e pratica o catolicismo, possui a sua própria manifestação religiosa e de cura, mesclando inclusive seus elementos, orações e imagens numa linguagem e expressão mais popular e alternativa, podendo ser mais acessível ao seu cotidiano e necessidades. Expressões que se fundem e manifestam conforme os interesses e necessidades de quem a utiliza, sendo que uma prática não inviabiliza a outra, pelo contrário, a benzedeira 'bebe' da fonte do catolicismo institucionalizado e o resignifica à sua maneira.

A entrevistada ressalta a quantidade de igrejas evangélicas que teriam se instalado na cidade nos últimos anos, para as quais muitos dos benzedores teriam se convertido e deixado de benzer e utilizar remédios de ervas. Tal quantidade de igrejas caracteriza, de forma implícita, uma ameaça para o ofício de benzer, pois seus praticantes (a maioria) não acreditam nos efeitos e resultados de cura e proteção através dos benzimentos, bem como as desqualificam como pessoas com fé, deixando-os à margem das religiões institucionalizadas. Para contrapor isso, a entrevistada garante que a 'maioria' das pessoas que residem na cidade acreditam em sua prática, reforçando uma legitimação na comunidade.

Já, o benzedor Aureliano José Jardim relata ainda que

(...) O padre veio aqui duas vezes e abençoou, botou água benta por tudo e me disse "aqui eu reconheço um santuário pequeno que tu fez". Eu disse pra ele "padre, eu sou católico e quero saber se estou no caminho certo" e ele me respondeu que eu estou sim no caminho certo porque eu rezo as orações de Deus e que eu estou fazendo tudo de acordo com os mandamentos de Deus e me deu rosário abençoado que eu coloquei no carro. Faz uns cinco meses ele me chamou e pediu pra eu rezar pelo pai dele e eu benzi, passou uns quinze dias ele veio e me disse que o pai dele já estava bom e caminhando. O padre é muito meu amigo, toda vez que ele me vê diz que eu estou no caminho e que estou cumprindo com a minha missão, ele me deu até uma cruzinha pra colocar aqui. Eu sou católico, não acuso nem desdenho ninguém, apenas cumpro meu papel. (2013)

Aureliano manifesta através de sua fala uma preocupação e necessidade de aprovação do padre em seu ofício de benzer, como se precisasse disso para fortalecer e validar sua prática, bem como evitar conflitos com a instituição católica, sendo o padre uma figura importante neste processo no momento em que este visita a residência do benzedor e lhe concede o aval para exercer seus trabalhos. Apesar disso, conta que o próprio padre teria pedido suas orações para seu pai que estaria enfermo, querendo indicar que este acredita na força de suas bênçãos em prol dos doentes. Manifesta uma amizade com o padre, onde o mesmo abençoa sua sala e

Ihe dá um terço de presente em sinal afirmativo de que está no caminho certo e que atua em nome de Deus.

A narrativa da benzedeira Nelcinda (2013) vem ao encontro dos demais entrevistados onde afirma que o padre "(...) acha muito bom e incentiva muito a gente a benzer. Esse nosso padre que vem aí diz que é uma coisa muito boa e que isso é um dom de Deus para a pessoa e que é para continuar". Para ela, há um incentivo por parte do padre na sua prática enquanto benzedeira, e que para ele, este ato seria um 'dom' dado por Deus e que assim deve continuar. Esse incentivo também aparece na narrativa da benzedeira Noema, que conta:(...) Eu digo pro padre que eu só tô fazendo minha devoção que eu tenho e ele diz "claro". Ele acha que é bom sabe porque eu não estou benzendo pro mau, tô fazendo umas explicação como eles deveriam ter umas irmãs ali quando dá umas desavença na família e eles não têm nada disso e se eles vêm pedir pra mim eu digo umas coisas boa, se quer aceitar aceite se não não. Eu dou conselho. (2013)

Noema deixa transparecer um dos aspectos dos benzedores: ouvir e aconselhar. A sabedoria e a experiência da pessoa idosa se torna referência na hora de orientar decisões em momentos difíceis. Pode haver fatos que são embaraçosos para as pessoas relatarem ao padre pelo fato deste estar numa situação superior e institucionalizada, fazendo com que a comunidade (ou grupo) credite esta confiança ao benzedor, pelo fato deste se posicionar em condição de igualdade e mais próxima do público, criando uma relação de confiança, cumplicidade e reciprocidade entre as partes.

Os entrevistados demonstram em suas falas uma necessidade de aprovação e apoio institucional do padre para o exercício de seu ofício de benzer. A orientação dada pelo benzedor a quem o procura é semelhante ao realizado por padres e pastores. Quando questionado sobre a relação que possui com os benzedores, o padre titular da paróquia de São Miguel, Inácio Fengler<sup>4</sup>, conta que:

(...) isto que vou falar é uma opinião minha e não a opinião da Igreja. Pode ser que tenha algumas ideias da igreja que não sejam favoráveis a isso mas no meu ponto de vista, e eu olho a partir daquele momento em que os apóstolos vieram de uma evangelização e falaram a Jesus e disseram que eles haviam encontrado pessoas que estavam pregando em nome de Jesus e aí os apóstolos haviam proibido eles de tal prática e Jesus então os corrige e diz "deixai eles também trabalhar, quem não é contra nós é a nosso favor", e então tendo isso como ponto eu julgo também que esses benzedores que eles também estão ajudando as pessoas para que eles possam ter mais vida, possam ter mais saúde. Então como padre como eu vou querer agora ir contra esta prática sendo que isto aqui em São Miguel das Missões é muito comum Juliani, porque nós estamos aqui agora com

<sup>4</sup> 48 anos. Natural de Mato Queimado-RS. Se ordenou padre em 1995. Mora em São Miguel há 11 anos.

(pensa), deixa eu ver, foi em oitenta, vai pra trinta e quatro anos de paróquia que tem aqui e antes então os padres vinham de Santo Ângelo para atender toda essa região aqui de São Miguel que é muito extensa essa área aqui, muito extensa. Então esporadicamente os padres vinham pra cá e as pessoas aqui da comunidade elas necessitavam também de um auxílio espiritual né, de uma ajuda no sentido de ter a presença do divino na vida deles, do sagrado, e daí o próprio povo foi delegando e foi autorizando para certas pessoas para fazerem isso em nome da evangelização e de Deus dá pra dizer assim né, já que como igreja ela estava bem ausente e então as pessoas acolhiam a esses benzedores e isso continua muito presente hoje ainda, existem muitos benzedores aqui que fazem isso de uma forma tão espontânea, tão natural né e não foram eles que quisessem que isso fosse acontecer mas tipo que foram escolhidos pelo povo e o povo que dá essa credibilidade a eles e as pessoas buscam a eles nos benzedores e as benzedoras buscam então esse auxílio divino por meio da bênção e de modo especial quando estão enfermas, doentes e então recorrem a eles e agente sabe né Juliani que existem doenças físicas e doenças psíquicas e então esse benzimento para as doenças psíquicas, não físicas, a bênção ajuda enormemente né tanto que cura a pessoa. (2014)

O padre faz questão de deixar claro que sua entrevista reflete a sua opinião pessoal e não a da igreja católica em si. Justifica que não é contra os benzedores, pois estes estão falando em nome de Deus e transmitindo sua palavra a diversas pessoas, citando para isso um trecho bíblico onde Jesus corrige alguns de seus apóstolos que reprimem pessoas que estariam pregando em seu nome, alertando-os que estes estariam do seu lado. Para Inácio, os benzedores auxiliam as pessoas a terem mais vida, paz e saúde, justificando que esta legitimação foi dada a eles pelo fato de durante muito tempo não haver uma atuação efetiva da igreja católica em São Miguel das Missões, dando margem para pessoas assumirem um papel de representantes espirituais junto à comunidade. Ressalta que a paróquia foi efetivada a apenas trinta e quatro anos e que antes disso um padre do município de Santo Ângelo ia de tempos em tempos até São Miguel das Missões para um trabalho religioso nas comunidades, mas que isso pode ser considerado pouco, abrindo caminho para o trabalho dos benzedores, que supriam essa demanda religiosa na cidade. Afirma ainda que

(...) Então é uma prática que existe aqui já há muito tempo e eu procurei assim me tornar próximo deles para ver como isso ocorria e porque isso está acontecendo aqui e eu percebi que eles fazem isso com uma responsabilidade muito grande e eles também fazem isso com uma grande devoção e com um enorme sentimento de fé naquilo que eles fazem e agente nota e percebe que eles fazem quase que em nome da igreja, fazem isso com (pensa), como é que vou te dizer, mesmo que não autorizado pelo igreja mas eles tem esse sentimento, esse amor pela igreja sabe e por isso então essa comunhão com eles né, se já trabalham em nome da igreja e fazem isso quase que em nome da igreja e por isso que quase a grande parte dos que eu conheço são católicos e participam da igreja,

frequentadores assim sabe. Me parece que eles buscam também na celebração da eucaristia esta força espiritual para eles poderem desenvolver bem o trabalho deles e então porque não deixa-los fazer esse trabalho da bênção né, da cura e do bem para as pessoas né. (2014)

O padre procurou se aproximar e conhecer um pouco da prática dos benzedores a fim de saber a forma como estes atuavam, como uma espécie de monitoramento e controle das atividades por eles desenvolvidas. Ressalta que a grande maioria (dos que conhece) são católicos e praticantes assíduos da igreja, e que se utilizam desta para buscar força e fé através da eucaristia, para assim reproduzi-la em seus trabalhos de benzedor. Reforça que

(...) Aqui nós nunca tivemos problemas nenhum assim, não houve conflito, muito pelo contrário, houve muito diálogo com eles e trocas de experiências também e isso é muito importante, eu também aprendi com eles e eles vão aprendendo coma gente sabe tanto que muitos destes eu já visitei e conheço no caso o estabelecimento deles né, o santuário, onde eles ministram as bênçãos. (2014)

Para o entrevistado, há um aprendizado mútuo entre ele (padre) e os benzedores, através de diálogo e troca de experiências. Conta que já foi visitar o 'estabelecimento' (santuário) onde realizam as bênçãos – conforme já demonstrado pelas narrativas dos próprios benzedores entrevistados. Essa relação indica uma negociação entre as partes, onde os benzedores vivem aparentemente em harmonia com a igreja, instituição que consideram indiretamente fundamental para sua prática. Quando questionado sobre esses espaços, o padre Inácio diz que achou

Muito legal, como é que vou lhe dizer, realmente ali está presente muito da religiosidade popular então, ainda são resquícios da ausência da igreja então se cria esses espaços sagrados na comunidade onde as pessoas podem buscam essas bênçãos. Evidente que hoje nós já estamos com trinta e quatro anos de paróquia e de igreja mas isso no inconsciente da pessoa, na cultura dela isso está muito forte, esta muito presente e vivo ainda, então as pessoas buscam as bênçãos e depois também vem buscar a bênção também na igreja. (2014)

Para o padre, a prática dos benzedores é justificada pela ausência da igreja, dando a entender que se esta existisse de forma mais atuante na cidade, essa religiosidade popular seria menor. Cita que, mesmo estando institucionalizado a trinta e quatro anos na cidade, o hábito de benzer ainda está muito presente e forte nas pessoas nos dias atuais, sendo resquícios deste período onde a igreja se fazia quase inexistente no território miguelino. Como todo hábito cultural vivo em um grupo, leva tempo para mudar – apesar de todas as influências que sofre

diariamente – talvez aí o sentimento de ameaça que os benzedores sentem em relação às igrejas evangélicas. Quando questionado sobre se haveria diferença entre a bênção feita por um padre e por um benzedor, Inácio diz que

Eu creio que uma é institucionalizada e oficializada e a outra não. Mas bênção quer dizer bendizer e então em minha opinião se for padre, bispo ou papa ou se for um leigo e se ali houver realmente fé eu creio que não há diferença em termos de bênção, agora a força da bênção está na fé e então hoje muitas pessoas acreditam na bênção do padre, vamos dizer, porque eles tem fé e sabem que é uma coisa séria né e assim por diante, mas, bênção é bênção, se for feito com respeito e devoção é bênção. (2014)

Segundo o entrevistado, não haveria distinção entre a bênção de um padre para um benzedor, pois ambas objetivam abençoar e bendizer a pessoa (ou objeto), ficando seu ‘resultado’ a critério da força, fé e responsabilidade de quem o pratica. Quando perguntado sobre a forma que pretende se relacionar com os benzedores no futuro, o entrevistado diz que será

(...) normal como a gente está fazendo, trabalhando junto com eles, fazendo com que eles possam desenvolver esse trabalho espiritual com responsabilidade, com fé e fazer com que eu peço que eles indiquem também para que as pessoas possam participar também da comunidade católica, participar das celebrações porque a bênção né Juliani é uma parte da nossa vida cristã, mas como igreja católica nós também temos os sacramentos que nos ajudam também e dentro destes sacramentos nós temos a eucaristia que é muito forte na espiritualidade né que nos dá forças, que nos alimenta espiritualmente, então a gente vai orientando eles que eles possam fazer com que as pessoas participem e se envolvam na comunidade cristã, então é um trabalho de parceria onde um ajuda o outro e é por aí.

O entrevistado deixa transparecer que sua função também é fazer com que os benzedores atuem de forma responsável e que estes funcionariam como uma ferramenta da evangelização e captação de novos fiéis para a igreja católica, chamando a comunidade para participar da vida cristã local, o que demonstra um suporte recíproco destes agentes, pois o benzedor solicita apoio do padre – que o legitima como tal – e em troca difunde o cristianismo e serve de instrumento de fé (não oficial e institucionalizado) da igreja. Ambos se amparam e ajudam onde possuem o mesmo objetivo: expandir suas práticas, conquistando espaço e fiéis na comunidade. Entretanto, em sua narrativa, o padre faz um alerta, dizendo que

(...) tenho essa ideia de que é um trabalho válido, acho que é um trabalho bom e que ajuda as pessoas a cultivarem sua espiritualidade e também com isso buscarem a saúde então cuidar, a gente precisa ter o cuidado pra não se viciar nisso, cuidar para não tornar uma dependência nisso eu acho porque senão daqui a pouco toda a vida da pessoa depende então da bênção, do benzedor ou da benzedora. Então precisa ter esse cuidado e o

outro ponto: a bênção não substitui a missa, ela não substitui. É preciso ter esse cuidado, que busque a bênção, mas que participe também da comunidade, da eucaristia e dos outros demais sacramentos. (2014)

Por um lado o entrevistado reconhece a atuação dos benzedores, contextualizando-os no município e por outro, alerta para que as pessoas não se 'viciem' no benzimento, que tomem este cuidado, tendo em vista que esta prática não substitui a missa e a eucaristia proporcionada pela igreja (representada conseqüentemente por ele). Demonstra assim, a busca por uma hierarquia e legitimação religiosa, onde a igreja, através de seu representante institucionalizado, está acima da prática dos benzedores, a qual é realizada de forma artesanal, não padronizada e à margem das demais práticas organizadas e praticadas formalmente.

Em entrevista com o pastor Jauri Nunes<sup>5</sup> se pode coletar algumas opiniões e visões em relação à prática dos benzimentos na cidade de São Miguel das Missões. Quando perguntado de que forma se dá essa relação, ele responde:

Olha Juliani, para te ser mais preciso, eu pessoalmente, tenho com essas pessoas que exercitam a prática dos benzimentos uma amizade muito sadia. Graças a Deus eu tenho com eles uma amizade muito sadia, com praticamente oitenta por cento dos benzedores que tem aqui em São Miguel e interior do município porque a bíblia sagrada diz que Deus deixou ao homem livre arbítrio, isto é, eu tenho uma opção de escolha, você tem outra, todo cidadão tem o direito de ir e vir, todo cidadão tem o direito de trilhar o caminho que ele acha melhor para ele.

(...) Porque a pessoa pratica a fé. Eu exercito a minha fé exclusivamente na pessoa de Jesus Cristo que a bíblia sagrada fala, prego Jesus Cristo, falo dele e não tenho dúvidas de que as pessoas que praticam o benzimento também, porque o benzimento é evocado em nome de Deus e não de outra coisa e eu sei disso e sinceramente eu não tenho nada contra eles, pelo contrário, se eles estão praticando a prática do benzimento eles estão fazendo algo que vem a beneficiar alguém. (2014)

Jauri afirma que não possui nada contra as pessoas que praticam o benzimento e que todos possuem o livre arbítrio para escolher o que for melhor para suas vidas, tendo inclusive uma amizade sadia com a maioria dos benzedores da cidade, independente da religião que estes tenham. Igualmente ao padre Inácio, o pastor Jauri acredita que essas pessoas estão fazendo o bem em nome de Deus,

---

<sup>5</sup>47 anos. Casado há sete anos com Débora Maciel dos Anjos. Natural de São Miguel das Missões-RS. Pastor há 3 anos. Popularmente conhecido como pastor JNunes.

não havendo motivo para ele ser contra seus praticantes. Questionado se a prática do benzimento competiria com a sua função de pastor, o entrevistado diz que

*Jauri:* Não. Somos muito procurados pelo povo e isso é uma atividade que eu exerço com frequência e te afirmo que é diariamente e não vou nomear ninguém, mas pessoas que praticam o benzimento, essas pessoas Juliani, eles são meus amigos, essas pessoas me procuram e pedem auxílio, me pedem oração e vão na minha igreja com frequência e eu oro por eles.

*Juliani:* Os benzedores?

*Jauri:* A maioria, não todos, mas a maioria. Começa pela nossa amizade, na confiança que eles têm na minha pessoa como pastor, como homem de Deus, que intercede a Deus em favor deles e te afirmo também que as vezes que eles nos procuraram foram na minha casa me pedir auxílio ou visitaram a igreja que eu sou pastor eles foram beneficiados por Deus porque a gente intercedeu a Deus por eles, a palavra mais correta a gente orou a Deus e eles foram abençoados por Deus entendeu? (2014)

Segundo o pastor, muitos benzedores o procuram em sua igreja, buscando bênçãos e orações, cabendo a ele como pastor interceder a Deus por essas pessoas. Tal afirmativa dada por Jauri tende a legitimar a sua função de pastor em detrimento do ofício do benzedor, já que estes o procurariam em busca de apoio, necessitando dele como um suporte espiritual nos momentos de precisão – não bastando para isso serem benzedores – sendo ele, como pastor, o agente de ligação entre Deus e suas glórias – assim como foi percebido com todos os outros entrevistados, onde cada um busca exaltar a sua área de atuação ou religião como a melhor. Indagado se na sua igreja há benzedores praticantes, o entrevistado diz que

Não, não. Te afirmo que não. Eles são simpatizantes do evangelho e por outro lado divido essa sua pergunta: eles vão, frequentam, mas não são atuantes entendeu? Simplesmente eles exercem a sua fé, 'vou lá na igreja do pastor Jnunes e lá serei abençoado por Deus' e isso acontece. (2014)

Para ele, os benzedores seriam simpatizantes do evangelho, frequentando a igreja, mas não atuando de forma assídua, permanente e oficial. Iriam nela apenas para obter bênçãos através da figura do pastor. Quando questionado se os fiéis de sua igreja procurariam os benzedores em busca de cura ou bênção, responde incisivamente que:

Não. Claro que não. Não porque o evangélico ele já optou por esse caminho então ele não pratica mais essa religiosidade de visitar o benzedor porque agora ele focalizou a sua fé unicamente em Jesus Cristo de que a bíblia sagrada fala e vou mais além da sua pergunta pela bíblia te respondendo o seguinte: a palavra diz assim, que não se pode servir a dois senhores, dois

caminhos, ou é um ou é outro. É o caminho do evangelho ou do benzedor e eu te digo mais, tu poderia nem me fazer essa pergunta, mas eu vou te confessar uma coisa: “eu vim de lá”, eu fui um participante assíduo dos benzedores, sou fã deles porque me beneficieei muito na minha juventude e na minha infância com os benzedores então eu volto a te dizer que jamais teria eu algo contra eles, pelo contrário, eu tenho uma missão de anunciar a toda a humanidade que Jesus Cristo ama a todos independente de religião, de credo religioso, de posição social, de raça, enfim, isento de tudo isso eu tenho essa missão. Se eu não me aproximar do benzedor, se eu não me aproximar do espírita, de tudo que é seita religiosa, dessas mais forte que existe – pra eu não usar outra palavra – eu não tenho condições de fazer com que ele descubra que Deus é um só e que Deus ama a eles como ama a mim, porque a bíblia sagrada no evangelho de João diz assim: que Deus amou o mundo, e falando do mundo ele fala de toda a esfera humana então Deus ama o mundo de tal maneira que entregou seu filho único para todo aquele que nele crê não pereça mas tenha a vida eterna. (2014)

O pastor afirma que os evangélicos de sua igreja não frequentam benzedores porque já optaram pelo caminho de Jesus, o único segundo a bíblia, sendo que os fiéis devem optar, apenas, por um ‘senhor’, não havendo a possibilidade de conciliar as duas práticas. Para legitimar essa ideia, o entrevistado de uma forma surpreendente conta que “veio do outro lado e que foi um participante assíduo dos benzedores”, tendo inclusive se beneficiado muito quando era criança e que isso o impede na atualidade de falar algo contra eles (benzedores). Entretanto, possui a missão de espalhar e difundir a palavra de Jesus para todos, e que deve se aproximar de todo o tipo de “seita” (inclusive as mais fortes, segundo ele) para pregar o evangelho – numa clara tentativa de convertê-los para sua igreja e para que conheçam o verdadeiro Deus. Questionado de que forma teria sido beneficiado pelos benzedores quando criança, Jauri conta o seguinte:

Quando muitas vezes doente, meus pais eram de muita fé nos benzedores e então não é que eu me conduzisse a eles, mas sim os meus pais me conduziam e isso foi por longo tempo e fomos muito beneficiados, os benzedores nos auxiliaram muito, inclusive em várias áreas na nossa vida, não só na saúde mas como financeiramente e em outras áreas também. A gente foi beneficiado então a gente não vai jogar pedra em algo que um dia nos beneficiou entendeu? (2014)

Relata que quando doente, seus pais – os quais eram muito fiéis nos benzedores – o levavam em busca de cura. Cita que isso não era por sua vontade, mas sim por condução de seus pais – deixando a entender que algum benzedor os auxiliavam inclusive financeiramente. Volta a afirmar que, por isso não ‘jogaria pedra’ neles nos dias atuais. É interessante ressaltar que o pastor Jauri é nascido em São Miguel das Missões, o que justifica também este grande contato que teve com alguns benzedores ao longo de sua infância, o que mostra que esta prática está

presente na comunidade há algumas gerações. Quando questionado se haveriam diferenças entre o benzimento realizado pelos benzedores e a bênção feita por ele enquanto pastor, responde que:

Totalmente diferente. Com toda franqueza, é simples. É como se você olhando para mim, estamos aqui conversando, você pedisse ‘pastor, eu preciso de uma bênção e o senhor precisa me ajudar’ e eu simplesmente orava em seu favor e você já estava beneficiada. Orar é falar com Deus e não há outro ângulo para chegar lá a não ser falar com Deus e pra mim te abençoar eu invocaria o nome de Jesus Cristo e diria ‘Senhor abençoa a Juliani’ porque sabe que precisa que está enfrentando problema tal, suponhamos, e você sairia daqui da minha casa abençoada entendeu? Não se faz muito rodeio, não tem muito mistério, muito segredo. O que o povo que vai na igreja evangélica vai é receber a bênção de Deus e lá nós, os líder e obreiro, agente faz isso, ora pelas pessoas, é o que fazemos com frequência e realmente dá resultado porque Jesus Cristo diz na bíblia sagrada ‘se pedires alguma coisa em meu nome eu o farei’. Volto a fazer uma comparação, se você me pedisse ‘pastor, eu preciso de algo, o senhor ora por mim’ eu diria a Deus ‘ Senhor, a Juliani precisa de algo – e eu citaria algo que você precisasse – eu peço a ela em nome de Jesus que o senhor lhe conceda’ e você receberia. Esse é um mistério simples, muito simples. (2014)

Mesmo o entrevistado dizendo que as bênçãos são completamente diferentes, na prática se assemelham muito na fala e evocação de Deus – diferindo apenas dos benzedores que em determinados casos usam objetos, imagens sacras e ervas medicinais. Entretanto, ‘bendizer’ o próximo é muito parecido entre si, tendo em vista que o pastor também cria certas palavras e orações no momento em que está orando e pedindo em nome de alguém. Outra característica que parece familiar é das pessoas buscarem essas bênçãos em momentos de dificuldade e aflição, onde procuram uma alternativa para sanarem seus problemas – que podem ser de ordem física e espiritual. O fato de o entrevistado dizer que ambas são completamente diferentes (não aceitando semelhanças entre elas) se justifica pela necessidade cultural de diferenciar um do outro: sou o que sou porque o outro é diferente. Essa ação é necessária para que os grupos se legitimem como tais e criem estratégias de defesa de suas práticas ou crenças – sendo estas algumas vezes intolerantes e até mesmo agressivas.

Segundo essas entrevistas – que correspondem às opiniões pessoais dos entrevistados, e não de suas instituições – pode-se indicar que há uma relação de competição e negociação entre os benzedores, os evangélicos e os católicos. Subliminarmente as igrejas institucionalizadas se colocam como as verdadeiras e legítimas religiões difusoras da palavra de Jesus, aparentando uma tolerância (no

caso dos evangélicos) em relação aos benzedores. Buscam, em contraponto, convertê-los em suas doutrinas, a fim de ganhar novos fiéis e minimizar possíveis concorrências no campo religioso. No caso da igreja católica, existe uma forma de monitoramento constante da atividade realizada por alguns benzedores, onde se utiliza de uma aparente dependência de legitimação que estes possam ter com a igreja para vigiá-los dentro do possível, além de fazê-los instrumentos de difusão e inclusão de novas pessoas ao catolicismo.

No meio destas ações se encontram as pessoas, que independente de rotulações e instituições, parecem se adaptar conforme suas necessidades e interesses, circulando por estas fronteiras religiosas segundo suas necessidades ou crenças naquele determinado momento. Tais fronteiras não são estanques e estão abertas sempre para que a comunidade entre, e pratique (ou até saia dela) no tempo que achar necessário. Isso se comprova quando praticam sua religião (institucionalizada) e quando precisam buscam o apoio também dos benzedores para solucionarem seus problemas (e vice e versa).

Como bem foi relatado pelos entrevistados, ambas as religiões e práticas pregam a palavra de Jesus e o bem comum entre as pessoas. Entretanto, pelo fato dos benzedores não serem institucionalizados e sem a obrigatoriedade de seguir normas, dogmas e ritos à risca, os dá liberdade de atuar conforme suas demandas e necessidades, adaptando sua prática da forma como melhor lhes convir, podendo mudar, criar e ressignificar sua 'liturgia' a qualquer tempo.

Obviamente que os conflitos existirão na prática, pois todos querem para si a legitimidade de ser a religião ou mecanismo mais forte de Deus perante a comunidade (pois isso representa poder, controle e prestígio), com a intenção de ser a melhor forma de chegar às suas glórias e conquistas. Destes conflitos surgem estratégias de controle que objetivam a expansão e o monopólio de cada um destes agentes – seja no reconhecimento ou na busca de novos adeptos e fiéis. As negociações a que dela surgem são fundamentais para que cada prática ou segmento religioso se desenvolva e legitime perante seu grupo de seguidores, fortalecendo laços, códigos e símbolos entre seus agentes.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Saúde e Doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.  
BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Senso 2010**.

CHALHOUB, Sidney et al (org.). **Artes e Ofícios de curar no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

EUGÊNIO, Alisson. **Arautos do Progresso – o ideário médico sobre a saúde pública no Brasil na época do Império**. Bauru: Edusc, 2012.

HOLZER, Hans; Além da Medicina: **As curas alternativas e tratamentos psíquicos não-ortodoxos**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1987.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da Cura: As diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2001.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1928**. Santa Maria: Ed. Da UFSM; Bauru: EDUSC – Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

### Fontes Orais:

Alzira de Oliveira Leite. São Miguel das Missões-RS. 2013. Entrevista concedida a Juliani Borchardt da Silva.

Aureliano José Jardim. São Miguel das Missões-RS. 2013. Entrevista concedida a Juliani Borchardt da Silva.

Evandro Varaschini Dalla Roza. Miguel das Missões-RS. 2013. Entrevista concedida a Juliani Borchardt da Silva.

Inácio Fengler. São Miguel das Missões-RS. 2013. Entrevista concedida a Juliani Borchardt da Silva.

Jauri Nunes, São Miguel das Missões-RS. 2013. Entrevista concedida a Juliani Borchardt da Silva.

Laídes Dutra. São Miguel das Missões-RS. 2013. Entrevista concedida a Juliani Borchardt da Silva.

Nelcinda Galvão. São Miguel das Missões-RS. 2013. Entrevista concedida a Juliani Borchardt da Silva.